

II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



Diálogos culturais entre casas de hip hop: saberes e fazeres em espaços de educação não formal

Maxwell Sandeer Flôr¹

max@unesc.net

Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC

INTRODUÇÃO

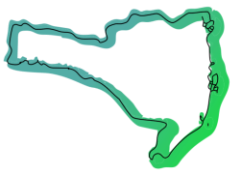
O diálogo vem de encontro com as práticas pedagógicas de três espaços de educação não formal: 01 - Casa do Zezinho, localizado periferia da Zona Sul de São Paulo (SP); 02 - Casa do Hip Hop Sanca, localizado em São Carlos (SP); 03 - Família Hip Hop, sede no Espaço Cultural Moinho de Vento - Santa Maria (DF). Para além de uma breve síntese, o objetivo foi conectar as pesquisas de Cristiane Correia Dias (2018), Ayni Estevão de Araújo (2016) e Suelen Gonçalves dos Anjos (2019), trazemos a luz de algumas vivências de espaços de educação não formal nos territórios de São Paulo (SP), São Carlos (SP) e Santa Maria (DF). O problema é perceber quais são os saberes e fazeres de artistas educadores/as pertencentes da Casa do Zezinho, Casa do Hip Hop Sanca e da OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) Família Hip Hop.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para maior familiaridade com o problema, foi levantado pesquisa bibliográfica, apresentando três dissertações de Mestrado de três mulheres pesquisadoras negras pertencentes da cultura hip hop. O primeiro diálogo é com Dias (2018), que tem como proposta priorizar o desenvolvimento de habilidades e de competências necessárias para o desenvolvimento da juventude periférica, a conexão vem com a vivência na Casa do Zezinho, São Paulo (SP). O segundo encontro destacaremos a autora Araújo (2016), que realizou pesquisa de campo e apresenta percepções entre mulheres do hip hop em São Paulo e a construção da Casa do Hip Hop Sanca¹, em São Carlos (S), propondo compreender a constituição dessa cultura por meio de suas mobilizações. Entre os dois movimentos, é a própria noção de política que é delineada com práticas e discursos das(os) hip hoppers². O último diálogo é

¹ O bairro onde se localizava a Casa do Hip Hop Senca, apesar de não ser exatamente elitizado, também não era periférico (do ponto de vista geográfico do município de São Carlos/SP).

² Termo usado pela pesquisadora para identificar (manas e manos) sujeitos que fazem parte da Cultura Hip Hop.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



da pesquisadora Anjos (2019), onde escreveu sobre autoetnografia³ coletiva, tendo como ponto de partida uma narrativa autobiográfica a partir da sua experiência no hip hop, junto com a OSCIP Família Hip Hop, do Coletivo ArtSam e do Grupo Sobreviventes de Rua, Santa Maria (DF). Foram abordadas algumas ações capazes de contribuir com práticas pedagógicas decoloniais para a juventude periférica. Por fim, nesse resumo vamos encontrar processos de resistência, existência, práticas decoloniais e propostas pedagógicas de espaços de educação não formal.

RESULTADOS

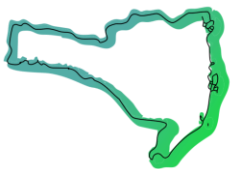
Iniciaremos o resultado da pesquisa destacando a pesquisa de Cristiane Correia Dias (2018), contextualizando a abordagem da pedagogia crítica. A autora relaciona ações educacionais às práticas de atividades libertadoras e emancipatórias realizadas em sala de aula. Na medida que os educadores rompem com os padrões eurocêntricos existentes nas escolas, busca-se uma pedagogia comprometida com os oprimidos (FREIRE, 2005), possibilitando que o processo de aprendizagem seja interessante e de troca de experiências.

Dias (2018) descreve ter desenvolvido técnicas de negociação das identidades sociais e culturais por meio do hip hop, envolvendo a juventude atendida na ONG Casa do Zezinho. Nesse sentido o hip hop pode funcionar como espaço de discussão potente, onde os educadores/as podem ampliar assuntos relacionados à raça, gênero, sexualidade, entre outros temas, colocando em xeque até mesmo sobre os princípios éticos de cada sujeito. A autora destaca que é preciso que o educador/a também passe por um processo de ruptura e decolonização de sua mente, assim quando o educando/a expor sua opinião, o educador/a estará preparado para o processo de escuta.

Partindo da experiência de Araújo (2016), a autora presenciou pessoalmente o processo de ocupação⁴ da Casa do Hip Hop Sanca, onde foram aparecendo demandas diárias, como por exemplo a visita de crianças e adolescentes na Casa. “Isso gerou uma preocupação constante em garantir atividades semanal, ações que não se limitavam somente aos elementos da cultura hip hop, mas variavam desde sessões de reforço escolar até trabalhos lúdicos e educativos” (2016, p. 108). Araújo (2016) destaca as oficinas oferecidas pela Casa como construção de brinquedos e instrumentos com materiais recicláveis, sessões de cinema infantil, redação, desenho e o curso preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, ministradas pela própria pesquisadora.

³ Método que pode ser usado na investigação e na escrita, já que tem como proposta descrever e analisar sistematicamente a experiência pessoal, a fim de compreender a experiência cultural.

⁴ O espaço ocupado, teve sua construção interrompida havia mais de cinco anos, era propriedade da prefeitura, que tinha por projeto transformá-lo em um centro de referência a idosos. Apesar disso, pelo fato de a obra ter ficado muito tempo abandonada, aquele espaço se tornou um local de substituição, tráfico e uso de drogas.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



Podemos destacar como resultado a OSCIP Família Hip Hop, que foi o ponto de partida de Anjos (2019). Segundo a autora a instituição atua em três fazeres: “a primeira, é a promoção da cultura hip hop com atividades em sua sede e promoção de eventos; a segunda, atividade no campo da educação com oficinas em escolas e no sistema socioeducativo; e a terceira, na geração de emprego e rede por intermédio da serigrafia e estúdio musical” (2019, p. 11).

O processo de “colonialidade do saber se materializa no silenciamento e na tentativa de hegemonização de um conhecimento colonial, o que inclui o conhecimento pedagógico e didático” (ANJOS, 2019, p. 57). Descolonizar as práticas pedagógicas na escola e nas ONG’s utilizando as linguagens do hip hop significa romper com uma das estratégias de colonialidade que permanece para além da experiência colonial. Por que oficina de futebol é a atividade mais frequente em ONG’s? E, por que não desenvolver as linguagens do *breaking* ou *graffiti*?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

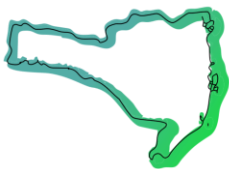
Somos frutos de uma colonização, e caminhar pelos trilhos onde já passou o trem europeu é um desafio para educação, podemos até acrescentar para as instituições de espaços de educação não formal. A síntese apresentada nesse resumo, sobre as três casas de hip hop de territórios diferentes, e com realidades institucionais singulares, é apenas um apanhado das múltiplas experiências que as autoras passaram. Acreditamos que esse diálogo não pode parar por aqui, e o aprofundamento deve continuar com objetivo de alinhar outros olhares de processos pedagógicos. Percebemos que os saberes e fazeres das pesquisadoras das três “Casas”, são vivências ímpares, e ao mesmo tempo plurais e dialógicas.

A ocupação de espaço público (Casa do Hip Hop Sanca), não ficou apenas pelo ato de “ocupar”, mas de ocupar o espaço com ações e oficinas culturais e educativas, envolvendo os artistas, educadores/as, crianças, adolescentes e jovens que frequentavam a “Casa”. São processos de resistência alinhada ao processo de formação desses sujeitos. Precisamos registrar uma questão que possibilite uma porta aberta para reflexão: como desenvolver práticas culturais e educativas, desconstruindo métodos tradicionais em espaços de educação não formal?

PALAVRAS-CHAVE: Hip Hop. Diálogos. Espaços de Educação não Formal.

AGRADECIMENTOS: Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Referências



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



ANJOS, Suelen Gonçalves dos. **Hip Hop e as Práticas Educativas:** um estudo a partir das experiências do Coletivo Família Hip Hop, Santa Maria/DF / Suelen Gonçalves dos Anjos; orientação Ana Tereza Reis da Silva. - - Brasília: UnB, 2019.

ARAÚJO, Ayni Estevão de. **Entre manas e manos:** uma etnografia com o movimento de mulheres do hip hop e a casa do hip hop Sanca / Ayni Estevão de Araujo. - - São Carlos: UFSCar, 2016.

DIAS, Cristina Correia. **Por uma pedagogia Hip-Hop:** o uso da linguagem do corpo e do movimento para a construção da identidade negra e periférica / Cristiane Correia Dias; orientação Mônica Guimarães Teixeira do Amaral. São Paulo: s.n., 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 40ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.